

## Uma *Corrigenda* e duas visões.

### A biografia da Madre Soror Maria da Conceição, O.S.C., no *Agiológio Lusitano* e na *Crónica Seráfica da Província dos Algarves*

Quando, a propósito das notas que dedicamos à *Vida e Mercês que Deus fez ao Veneravel D. Leão de Noronha*<sup>1</sup>, uma biografia desse «santo» cortesão português († 1572) a quem o autor e o continuador do *Agiológio Lusitano* dão um lugar de relevo – traduzido até no excepcional número de páginas que lhe dedica a obra –, procuramos completar, tanto quanto possível, as magras notícias que se conheciam sobre Jerónimo de Melo Coutinho († 1645), o «hagiógrafo» de D. Leão e, além de seu parente sanguíneo, seu neto por afinidade. Com efeito, Jerónimo de Melo foi casado com D. Maria de Noronha, filha de D. Tomás de Noronha, personagem a quem dedicam igualmente larga atenção Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa, já que D. Tomás foi um «santo» herdeiro de outro «santo». Nesta ordem de ideias em que genealogia e prosápia familiar se vêem envolvidas e glorificadas pelas virtudes e, digamo-lo mesmo, pela santidade dos seus membros, chamamos, então, a atenção para outra obra de Jerónimo de Melo – *Vida de Soror Maria da Conceição, Dama da Rainha D. Catherina, filha de D. Pedro de Meneses Sottomayor, Senhor de Alconchel, e de D. Maria de Noronha, religiosa no Convento da Madre de Deus* – em que se ocupa da «santidade» de uma sua tia, já que essa Soror Maria da Conceição era irmã de sua mãe, D. Ana Manuel. A obra, embora tenha permanecido manuscrita, foi conhecida de D. Barbosa Machado<sup>2</sup>. No entanto, não tendo logrado localizar o manuscrito, procuramos, então, Soror Maria da Conceição entre as inúmeras religiosas da Madre de Deus de quem, mais ou menos resumidamente, se lembra Fr. Jerónimo de Belém nessa magna obra que é a sua *Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves* (Lisboa, 1752-1758). Não propriamente adormecido, como

<sup>1</sup> José Adriano de Freitas CARVALHO, *Vida e Mercês que Deus fez ao veneravel D. Leão de Noronha: do santo de corte ao santo de família na Época Moderna em Portugal in Via Spiritus*, 3 (1996), 81-161.

<sup>2</sup> Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, 1747 (aliás, Coimbra, 1956), 507.

Homero, sobre as páginas dessa *Crónica*, mas cego, escrevemos que Fr. Jerónimo de Belém, «cuja *Terceira Parte* (1754) é integralmente dedicada ao mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, não se ocupa de Soror Maria da Conceição. Ter-lhe-ia escapado a biografia escrita por J. de Melo? Ou, tal como parece ter acontecido com D. Leão de Noronha, ficou reduzida a um âmbito familiar?»<sup>3</sup>.

Estas nossas linhas contêm um erro – mesmo se por «cegueira» – e uma pergunta cuja resposta parece, afinal, ser verdadeira. Na verdade, o grande cronista franciscano não esqueceu Soror Maria da Conceição, mas parece não ter conhecido a sua biografia devida a Jerónimo de Melo. E, como se sabe, também Jorge Cardoso, de quem, então, utilizámos alguns dados da sua «lembrança» hagiográfica de Soror Maria da Conceição para precisar alguns momentos da vida e escritos de Jerónimo de Melo, se ocupa da carmelita da Madre de Deus em 22 de Fevereiro. Por outro lado, a biografia de Maria da Conceição não deverá ter ficado, como falsamente sugeríamos, reduzida ao círculo da sua família. Tentemos, corrigindo erros e anulando falsas questões, comparar as páginas que o hagiógrafo português e o cronista franciscano dedicam à memória dessa filha de Santa Clara. Talvez, a comparação revele algumas surpresas. Tentemos confrontar, passo a passo, a biografia – as biografias? – e interroguemo-nos depois sobre as suas fontes. Começemos pelo cronista, pois deu origem a esta *corrigen*da e que, por mais moderno, pôde conhecer as páginas do *Agiológico Lusitano*. Que não utilizou...

Com efeito, nessa *Terceira Parte*, antes de entrar nas grandes biografadas – a alguma das quais, como Soror Clara do Santíssimo Sacramento, consagrará um inteiro Livro – lembra, como a primeira «de tres religiosas veneráveis» a «pacífica e humilde» Soror Maria da Conceição<sup>4</sup>. Passemos, por agora, e até porque já a conhecemos da titulação da obra de Jerónimo de Melo, a sua genealogia. A dama de D. Catarina de Áustria terá entrado na Madre de Deus em 1582, mas, infelizmente, não podemos dar razão ao cronista quando diz que «na sua [da Rainha] presença recebeu o santo hábito», pois Catarina de Áustria morreu nos primeiros dias de Janeiro de 1578. Em 1582, a sua tomada de hábito só poderia ter sido solenizada com a presença de outra Catarina, a de Bragança, «rainha» em Vila Viçosa... Por sua vez, Jorge Cardoso é um pouco mais preciso, já que nos indica o lugar de nascimento – Feroselhe, junto a Coimbra –, a sua

<sup>3</sup> José Adriano de Freitas CARVALHO, *Vida e Mercês que Deus fez ao Veneravel D. Leão de Noronha...*, art. cit., 102, n.º 79.

<sup>4</sup> Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves, Terceira Parte*, 14, 4, 130-132 (Pensamos que para esta biografia de pouco mais de duas páginas será legítimo não oferecer a localização precisa de cada uma das referências que dela colhemos).

educação entre as clarissas desta cidade e, mais tarde, em Chelas e até o ano do seu nascimento: 1523... Mas os dois autores estão de acordo quanto à presença da «piisíssima rainha» na sua tomada de hábito, resolução em que foi apoiada por Fr. João de Salinas, ao parecer, seu confessor<sup>5</sup>. Jorge Cardoso permite, porém, datar a sua entrada na Madre de Deus na «segunda feira *post dominicam in albis*» de 1552, ano em que, evidentemente, Catarina de Áustria podia ter acompanhado a sua dama nesse momento decisivo e que nos remete para os dias ainda felizes – «Rosas de Ouro» do papa..., casamento do príncipe João... chegada de D. Joana de Áustria... – da corte de D. João III... De qualquer modo, este simples dado apenas serve para sublinhar *coram populo* a alta prosápia de mais uma das religiosas da Madre de Deus e a estima em que era tida na corte. Aliás, uma deferência que as rainhas dispensavam com alguma frequência e que muitos poetas do século XVII saberão aproveitar – de *motu proprio* ou por encomenda – como assunto. Mas como conciliar 1552 com 1582? Errata de impressão, isto é, um 8 por um 5? Seria a mais simples – e, logo, a melhor – das respostas, se não houvesse alguma outra discrepância cronológica.

Fr. Jerónimo de Belém apresenta-a como «devotíssima do Augustíssimo Sacramento do Altar». Nos dias em que comungava «correntes de lágrimas [...] sahião dos seus olhos», ternura que a Crónica superlativa ao acentuar a sua insensibilidade perante a morte de seus parentes, pois «se portava com tal valor, como se o sangue a desconhecesse». Apenas devoção e ternura? Também temor, pois para as comunhões se preparava, «como para morrer [...] e como se cada huma dellas fosse o viático para a Eternidade». Sublinhemos ainda um pouco mais esta piedade eucarística de Soror Maria da Conceição, fazendo notar, como o cronista, o silêncio e a vacância que guardava nesses dias e que era um modo por que se manifestava esse «acatamento» de temor e por que transparecia, pela «alienação dos sentidos», o «recolhimento interior» em que recebia «particulares favores» que discretamente não revelava. Aceitemos que o facto de o cronista – e certamente a sua fonte – assinalar, antes de qualquer

<sup>5</sup> Fr. Luis de SOUSA, *Historia de S. Domingos Particular do reino de Portugal e suas Conquistas, Segunda Parte*, I, 2 (Lisboa, 1866, 24) refere-se apenas às peripécias da eleição de Fr. Juan de Salinas, um discípulo do Padre Juan Hurtado, como provincial dos dominicanos portugueses em 1551. V. BELTRÁN DE HEREDIA, *El Intercambio Hispano-Lusitano en la Historia de la Orden de Predicadores* in *Miscelanea de Beltrán de Heredia*, Salamanca, 1971, I, 103-130 pouco mais acrescenta a esse dado sobre esse dominicano com quem contactou Santa Teresa que o tinha por «hombre muy espiritual» (Santa Teresa de JESUS, *Cuentas de Conciencia*, 53<sup>a</sup>11 e *Cartas* (69 3T 10) in *Obras Completas*, Madrid, 1962, 456 e 663 respectivamente). José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1956, 157, 165 *et passim* permite enquadrá-lo nas linhas de reforma dominicana em Portugal.

outra, esta dimensão eucarística deverá corresponder à sua valorização como traço definidor da espiritualidade de Soror Maria da Conceição. Lastimaremos sempre que, neste contexto, não materialize essa valorização apontando a frequência das suas comunhões, mas estaremos dispostos a colocá-la numa orientação favorável à comunhão frequente no quadro da renovação espiritual dos meados do século XVI – a *Apologia* de Fr. Domingos de Valtanás, por exemplo, é de 1558 – e que, na Madre de Deus, se verá consagrada na comunhão quotidiana, alcançada, através da Virgem Maria, por Soror Joana da Trindade († 1694) cujo «amor, e devoção[...] ao Augustissimo Sacramento do Altar parecia sem exemplo e pela ancia de recebê-lo em sua alma, e em quanto não se facilitou a Comunhão quotidiana, fazia cousas tão célebres com seus excessos, que divertia, ao mesmo tempo em que edificava»<sup>6</sup>.

Jorge Cardoso, por sua vez, não dá qualquer relevo a essa dimensão, embora a ela possa fazer uma alusão remota quando diz, a propósito da sua vocação religiosa, que «o Senhor a tocou interiormente, estando hua noite de Endoenças, orando em presença do divinissimo Sacramento...»<sup>7</sup>. Uma alusão esta que está longe de deixar prever a dimensão que, segundo a *Crónica Seráfica*, alcançará a devoção eucarística de Soror Maria da Conceição. No entanto, por algumas referências que faz o *Agiológico Lusitano* às suas preces pela «extirpação das heregias» e «reformação dos Catholicos», poderíamos ver ainda nessa profunda devoção ao Santíssimo Sacramento uma manifestação da oposição às doutrinas reformadas sobre a presença real de Cristo na Eucaristia e a confirmação da sua adesão à renovação espiritual dos católicos a que já aludimos.

A devoção à Paixão de Cristo foi também, segundo o Padre Belém, uma outra nota da sua espiritualidade. E embora o cronista apenas fale da sua «devoção», parece, no entanto, legítimo quer pelas tradições culturais quer pelo que, implicitamente, sugere o autor franciscano, aceitar que Soror Maria da Conceição fazia da Paixão de Cristo um ponto central da sua oração. Da sua oração? Da sua oração mental, atrevemo-nos a dizer, pois «em huma ocasião da disciplina da comunidade vio ao Senhor no passo da Columna, com as chagas tão vivas, como nos açoutes lhas fizeram os judeos». Esta visão, no dizer da *Crónica* foi um dos «favores» que recebeu na sua oração, e viu essas chagas, particularmente «aquella chaga grande

<sup>6</sup> Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica...*, III, 15, 7, ed. cit., 315-317.

<sup>7</sup> Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens Illustres em Virtudes do reino de Portugal e suas Conquistas*, I, Lisboa, 1652, 496 (Como para a *Crónica Seráfica* dispensamo-nos de dar a localização precisa de cada uma das referências que tomámos dessa biografia de pouco mais de uma página).

das costas», «como [se] na realidade a estivesse vendo com os olhos do corpo, assim como com os da alma a via claramente».

No *Agiológico Lusitano* nada se diz a respeito da normalíssima devoção e meditação na Paixão de Cristo, ainda que não se esqueçam «os soberanos favores» que recebia na sua oração. Curiosamente, prefere-se sublinhar as «suas sagradas vigílias, e oração, em que era mui frequente, encomendando com fervorosas preces sempre a Deus o felice estado da Igreja, extirpação de heregias, conversão dos infieis, e reformação dos Catholicos». Uma dimensão «eclesial», muito interessante, que aponta a esse clima de reformação e contra-reformação que era a linha forte do contexto espiritual dos seus dias.

Devota das almas do Purgatório, por elas rezava todo o Saltério, o «que não he – comenta o Padre Belém – pequeno suffragio, mas como era pratica na lingua latina, de que teve boa intelligencia, menos lhe custava, do que a outras custaria».

Se Jorge Cardoso «esqueceu» esta devoção, lembra – o que não faz Jerónimo de Belém – o seu «amor do proximo, usando de suma caridade para pobres, e necessitados, o que o ceo (inda nesta vida) lhe pagou, pois muitas vezes achou multiplicadas as mesmas cousas, que com elles despendia», indicação que, a julgar pelo que de semelhante se valoriza na *Vida de D. Leão de Noronha* de Jerónimo de Melo, bem poderia tê-la lido nessa *Vida* de Soror Maria da Conceição que escreveu o mesmo autor.

Algumas referências anteriores da *Crónica Seráfica* permitem introduzir à questão das suas penitências, rigores que remontavam já aos seus tempos de dama da rainha, quem, alguma vez, chegou a ter de lhe «enviar muito ouro para se lhe dar de beber», pois assim o exigia o remédio da sua enfermidade devida a esses extremadas violências ao seu corpo. Apesar de tudo – não duvidemos, por agora, das contas de Fr. Jerónimo – morreu com mais de noventa anos...

Naturalmente, Jorge Cardoso não deixa de chamar a atenção, com uma discrição que contrasta com o imenso catálogo de rigores e violências corporais que é a sua obra, para este aspectos ascéticos. E se se faz eco, como o Padre Belém, dos tempos em que, ainda dama do paço, começou a «sopear as vaidades, e riquezas mundanas, e vestir-se de grosseiro burek», recorda depois, para os anos de clarissa, apenas que se «[macerava] com varios generos de mortificações asperrimamente».

Por outro lado, a alusão do cronista franciscano ao seu domínio da língua latina permitirá aceitar que fosse «discreta, e bem instruida na Historia Ecclesiastica, e secular, particularmente na do Reyno, e em suas antiguidades». A sua conversação era, assim, «gostosa» e «só nestas

materias se ouvia fallar». É uma lástima que o cronista ou a sua fonte tenham omitido as leituras que tais matérias pressupõem e o estilo de gente que disfrutava de tão «gostasas» práticas... Por nós, até nos atrevemos a imaginar Soror Maria da Conceição a conversar sobre as «antiguidades do Reyno» com sua sobrinha, por afinidade, D. Maria de Noronha, a mulher de Jerónimo de Melo, que era, garante D. Barbosa Machado, «consultada como Oraculo pelo vasto conhecimento, que tinha das Familias, e Antiguidades do Reyno...»<sup>8</sup>.

No *Agiológio Lusitano* nada há quem recorde estas conversas eruditas..., mas, sim, quase em contraste e com o mesmo afínco, que, dada a sua «summa prudencia, a superior luz de que era illustrada, e singular modo, i efficacia, que tinha no persuadir», concorriam «a ella, não somente as religiosas, mas todo o estado de gente a communicar cousas de sua alma, e tomar seus santos conselhos».

Fundadora e abadesa do mosteiro de clarissas de Sacavém – de acordo com Jorge Cardoso, durante mais de quarenta anos – Soror Maria da Conceição morreu, porém, na Madre de Deus em data imprecisa de 1644. Com mais de noventa anos..., o que, contas feitas, parece indicar que teria nascido por volta de 1554. São as referências cronológicas de Fr. Jerónimo de Belém. Teria, deste modo, entrado na Madre de Deus com cerca de vinte e oito / vinte e nove anos.

São datas que, uma vez mais, não coincidem com as que traz o *Agiológio Lusitano*. Jorge Cardoso, que a faz tomar o hábito com a mesma idade que Fr. Jerónimo de Belém (1523-1552) diz, sem, igualmente precisar a data, que morreu, na Madre de Deus, em 1622, ano que, efectivamente, permite dizer que morreu quase centenária, com noventa e nove anos...

A fonte de Fr. Jerónimo de Belém para estas memórias biográficas foi, como normalmente, uma freira da Madre de Deus, que o cronista diz «sua discipula». Ora, o título que da obra de Jerónimo Coutinho dá D. Barbosa Machado é, como vimos, *Vida de Soror Maria da Conceição, Dama que foy da Rainha Dona Catherina, filha de D. Pedro de Meneses Sottomayor, Senhor de Alconchel, e de D. Maria de Noronha, religiosa do Convento da Madre de Deus*, dizeres que poderíamos pensar ter Fr. Jerónimo de Belém transformado na apresentação da sua (e nossa) personagem quando escreve: «Soror Maria da Conceição... Forão seus pays D. Pedro de Meneses, Senhor de Alconchel, e Dona Maria de Noronha; e ella dama da Rainha Dona Catharina...». Como, por questão de cronologias, o Abade de Sever – o II volume da *Biblioteca Lusitana* é de 1747 – não pôde servir-se da obra de Jerónimo de Belém – o III volume da *Crónica*

<sup>8</sup> D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, ed. cit., 507.

*Seráfica* só se publicará em 1754 —, tão pouco pôde tirar, como por vezes faz, o seu título dessa página de Fr. Jerónimo de Belém... E só com esse título o cronista franciscano não poderia escrever uma biografia... Resta, portanto, pensar que Jerónimo de Melo conheceu e utilizou a biografia que escreveu uma discípula dessa sua tia? É apenas uma possibilidade, mas que pode, de algum modo, ver-se reforçada pelo facto de «a sua vida [se ter escrito] em vários idiomas, para que a todas as nações fossem manifestas suas exelentes virtudes». Esta «sua vida» é a mesma coisa que a «vida» que escreveu a discípula de Soror Maria da Conceição? À primeira vista, a resposta teria de ser positiva... E, no entanto, tal propaganda dir-se-ia mais condizente com os interesses em promover uma santa da sua família que, como a *Vida de D. Leão de Noronha*, deveria perseguir a biografia que dela escreveu seu sobrinho... Uma santa da sua família do seu sangue e um santo do sangue de sua mulher... Mas como eram parentes pelos Noronha, esta família via-se, assim, engrandecida...

Ora, as fontes de Jorge Cardoso foram as «relações de hum e outro convento» — entendamos, da Madre de Deus e de Sacavém — e a «sua historia ms. por Hieronymo de Melo, Comendador de Punhote, fidalgo por sua nobreza e virtude assaz conhecido neste Reyno».

Como explicar as discrepâncias, antes de mais, de ordem cronológica, e as diferenças — de tom., de selecção., etc. — entre a biografia de Soror Maria da Conceição na *Crónica Seráfica* e a que dela traz o *Agiolégio Lusitano*? Se, de ambas, a fonte mais provável, directa ou indirectamente, foi a discípula, é difícil, no estado actual da questão dar uma resposta satisfatória... E neste momento a mais satisfatória seria que Jorge Cardoso, através de J. de Melo, e Jerónimo de Belém aproveitaram dessa fonte o que mais se coadunava com os fins edificantes que perseguiram nas respectivas obras... É uma resposta que nem sequer, por falta de qualquer base de apoio, chega a ser uma hipótese... A menos satisfatória parece ser a que considera que Fr. Jerónimo de Belém não terá conhecido a obra de Jerónimo de Melo... Será, porém, sempre estranho que o autor da *Crónica* não cite aqui, como faz tantas outras vezes, o autor do *Agiolégio*...

De todos os modos, o que as páginas do cronista e as do hagiógrafo apresentam, são, mais do que dados «complementares» uns dos outros com que seria (im)possível escrever a biografia completa dessa «venerável madre», ângulos diferentes de olhar a mesma figura e a selecção que daí decorre traduzirá uma visão que há que olhar no seu contexto cultural, social, portanto, também. Mesmo que a primeira biógrafa de Soror Maria da Conceição, a sua discípula, escreva quase em tempos em que Jerónimo de Melo (1578-1645) também se terá interessado pela hagiografia de familiares

seus – D. Leão..., Soror Maria da Conceição –, a obra que resulta de quem a vê desde o claustro e a de quem a observa desde o mundo, de quem, pela evocação da sua memória, quer exaltar e propor um modelo à admiração e imitação de uma casa e ordem religiosa, e de quem procura exaltar, por meio da memória da santidade de um dos seus membros, a santidade de uma família e, deste modo, contribuir para a sua exaltação no mundo, essas obras, dizíamos, terão, obviamente, que nos mostrar, não faces diversas da mesma personagem, mas o seu funcionamento – o seu aproveitamento – em contextos e com finalidades diversos... Como acontece tantas vezes, não será com os diferentes dados de diferentes vidas que poderemos reconstruir a vida... De um santo ou de um pecador...

José Adriano de Freitas Carvalho